

DOS TEMPOS DA ESCRAVIDÃO À ATUALIDADE: A RESISTÊNCIA DO JONGO ATRAVÉS DAS GERAÇÕES.

Eliane Queiroz Auer*

São Mateus-ES é uma cidade de riqueza cultural diversificada e com o jongo constitui a mais rica herança folclórica presente no nosso município.

Sabemos que essa pluralidade numa cidade de aproximadamente 480 anos tem certamente uma história rica perpassando pelos períodos de sofrimento devido à fase da escravidão e toda a sua evolução cultural através dos tempos.

Pode-se perceber em todo o desenvolvimento do texto, informações sobre a cultura negra, as manifestações folclóricas e as origens do jongo.

O folclore é vasto em suas diversas manifestações culturais. Entre as diversas manifestações folclóricas que conseguem resistir ao tempo mesmo com toda a modernidade que tramita pelas cercanias do Vale do Cricaré, temos o Jongo.

É uma dança característica da época da escravidão que foi trazida pelos escravos africanos, mais precisamente da Congo-Angola.

O jongo tem letras musicais com enigmas cantados e elementos coreográficos de umbigada tendo como fator principal louvar os antepassados consolidando as tradições locais e afirmando a identidade de um povo.

O jongo tem suas raízes nos saberes populares, nas crenças e principalmente na língua Bantu originária dos povos africanos.

JONGO

Se for procurado de onde veio, ou sua origem, encontra-se que está em Angola, país africano. Veio com os negros escravizados em suas terras e aqui se difundiu por iniciativa deles, praticamente, por toda parte onde tenham aportado.

Pode-se encontrar que foi denominado também de Caxambu, tambu, batuque ou tambor apenas por efeito histórico. Se perguntar-se a alguém o que é caxambu, dificilmente se terá resposta, a menos que se trate de folclorista por profissão ou estudiosos.

Trata-se de uma dança de roda, envolvida por um ritual que consiste no uso de tambores feitos à partir de troncos de árvores e couro de animal. Elementos que determinam o tipo de som diferenciado do jongo. São tambores conhecidos como tambu e candongueiro ou de caxambu e candongueiro. Candongueiro acredito que era pelo motivo de “reclamar” ou alardear demais!

Alguns jongueiros usam o tambor de fricção para dar um toque especial nas brincadeiras. É algo com semelhança com a cuíca denominado angoma. A angoma tem esse nome genérico, no Brasil, dos tambores da área banta. É um termo multilinguístico "ngoma", tambor, através do quimbundo ou do quicongo . Bem, já a puíta ou cuíca é um instrumento musical, semelhante a um tambor, com uma haste de madeira presa no centro da membrana de couro, pelo lado interno. O som é obtido friccionando a haste com um pedaço de tecido molhado e pressionando a parte externa da cuíca com dedo, produzindo um som de ronco característico. Quanto mais perto do centro da cuíca, mais agudo será o som produzido. É um instrumento trazido por escravos africanos e curiosamente era também chamada de "rugido de leão. Em suas primeiras encarnações era usada por caçadores para atrair leões com os rugidos que o instrumento pode produzir. De instrumento de caça passou a ter seu uso difundido na música brasileira e por

volta de 1930, passou a fazer parte das baterias das escolas de samba. Atualmente é também encontrada no jazz contemporâneo e em estilos de funk.

É evidente uma semelhança como candomblé por ser uma dança e como toda a dança é uma arte em movimento produzindo a estética em forma de arte de todas as épocas unindo o passado e o presente e revivendo as origens. Uma gostosa brincadeira que brotou de um povo ainda em condição de escravidão e na seriedade da brincadeira unindo a religiosidade de um catolicismo afro estabelecendo a correlação entre o Sagrado e profano.

É uma dança de roda da estrutura matriarcal dos quilombos quem mantêm viva essa dança de roda conhecida popularmente como o pai do samba.

Essas danças têm, como uma de suas características, a movimentação dos dançarinos no sentido anti-horário, ao som de canto e música instrumental. Os passos na roda são dados deslizando-se para frente, de forma alternada, o pé esquerdo e o direito. Ao final de cada passo dá-se um pequeno pulo. Ao aproximarem o pé que está atrás, os dançarinos de vez em quando giram o corpo, principalmente os que estão diante das mulheres que dançam. O canto caracteriza-se pela alternância contínua de um solista.

As manifestações culturais de descendência africana se reúnem em comunidades de candomblé em templos naturais falando de jongos, sambas de caboclos e de sambas de terreiro cultuando seus orixás(Candomblé) pelos recôncavos baianos e do estado do Espírito Santo.

Sem sombra de dúvida se constitui em uma das mais ricas heranças da cultura negra, presentes no folclore capixaba.

O número de integrantes dos grupos de jongo varia de acordo com os descendentes que se interessam em participar para que a cultura não caia em esquecimento.

O prazer em vivenciar o ritual da dança é implantado nas crianças para que se preserve o jongo nas gerações seguintes.

À noite, por tradição, à luz de uma fogueira é que ilumina a roda e esquentam os tambores, o mestre jogueiro tira o ponto com o pedido de licença.

Os pontos, classificados em licença, louvação, visaria, demanda, “encante” e despedida, são tirados em verso (sob a forma de dísticos) ou em prosa e formulados em linguagem simbólica e enigmática. Os grupos de Jongo e Caxambu localizados são devotos de Nossa Senhora das Neves, Santo Antônio, São Benedito, São Bartolomeu, São Sebastião e Santa Isabel.

A dança, que acontece no meio da roda, é realizada por casais, que vestiam roupas comuns do dia-a-dia. Os homens usam calça comprida e camisa e as mulheres e saia rodada e blusa, enquanto os enfeites e adereços seguem o gosto de cada mestre. Atualmente, usam vestidos de chita um padrão de igualdade e os homens se vestem também uniformizados. O primeiro uniforme do Jongo de São Benedito foi doado pelo então prefeito Amocim Leite em 1973, Um devoto fervoroso.

Girando, um casal por vez dirige-se ao centro da roda e faz menção de uma umbigada. Dançam até que outro casal interrompa pedindo permissão para entrar.

Muitos grupos ainda preservam a cultura que durante toda a madrugada os participantes assam batata-doce, milho e amendoim na fogueira. Fumam cachimbo e tomam cachaça, café e caldo de cana quente para se esquentar. Isso ocorre em períodos da festa de São Benedito.

Muito mais do que uma dança, o jongo é um ritual.

Os negros escravos podiam dançar o jongo nos dias dos santos católicos que eles tinham devoção – era o único momento permitido para a confraternização.

É uma dança dos ancestrais, dos preto-velhos escravos, do cativeiro. A dança é profana, para divertimento porém tem como tradição a religiosidade e os mistérios que a cercam.

Os mais velhos eram rigorosos e cobravam respeito para ensinar os segredos do jongo e os fundamentos dos seus pontos. Por isso, no início, só os mais velhos entravam na roda de jongo, os jovens tendiam apenas a observar. Costuma-se dançar descalço, com roupas do dia-a-dia e simplesmente ao ar livre.

À meia-noite, a negra mais idosa interrompe o baile caminha para o terreiro de terra batida, se benze nos tambores sagrados, pede licença aos preto-velhos (antigos jongueiros que já morreram). Daí vem a relação com o candomblé e o jongo.

O primeiro casal entra na roda e começa a dança. Dança-se o jongo no dia 13 de maio, consagrado aos preto-velhos, nos dias santos católicos de devoção da comunidade, nas festas juninas, nos casamentos e recentemente em apresentações públicas.

JONGOS EM SÃO MATEUS-ES

O Dia consagrado a São Benedito é comemorado com festas folclóricas e solenidades religiosas marcadas pelo fervor dos fiéis. Os grupos de Jongo participam da missa e procissão, apresentando-se em frente à igreja louvando o "Santo Protetor".

Os grupos de jongos encontram-se nos bairros Sernamby, Porto e na localidade de Campo Grande.

Pode-se assistir aos jongos em programações culturais e folclóricas do município de São Mateus-ES, sendo uma manifestação totalmente popular.

Integra-se aos roteiros comercializados através da “Rota do Verde e das Águas”, coordenada pela SEDETUR.

O Jongo em São Mateus – ES é um ritual em louvor a São Benedito, tem mais de um século de apresentação pelos negros devotos, constituindo a mais rica herança da cultura negra presente em nosso folclore.

É uma espécie de samba de roda do qual participam homens, mulheres e crianças e tem como principal característica a movimentação no sentido anti-horário.

Como instrumentos musicais os Jongueiros utilizam tambores, reco-reco, casacas e caixas, na maioria das vezes confeccionados artesanalmente pelos próprios componentes do grupo.

JONGO DE SÃO BENEDITO

Tradicionalmente a movimentação tem início no mês de dezembro, no dia 23, quando as mulheres se dirigem à Igreja São Benedito, onde vão buscar a bandeira do Santo. No dia 25, à tarde, aproximadamente às 15h, um cortejo formado por homens e mulheres, jongueiros e devotos de São Benedito partem do Bairro Sernamby, percorrendo as ruas da cidade até a Igreja do "Santo Protetor", entoando cânticos, enquanto conduzem o mastro.

Chegando ao local, descem o mastro e entram na Igreja levando a bandeira até o altar, fazendo a saudação a São Benedito. Em seguida retiram-se em meio às cantorias para finalmente realizarem a "fincada do mastro".

No dia 27 de dezembro, dia do São Benedito e feriado na cidade, às 8h, há grande manifestação folclórica do jongo pelas ruas da cidade. Em seguida,

brincam e cantam na porta da Igreja em frente da imagem de São Benedito, entoando cânticos e tocando até a participação durante a missa. Terminada a procissão, realizam na porta da Igreja a "dança das fitas", "dança dos arcos" e o maná, dança em roda onde são introduzidos convidados para acompanhar e fazer uma grande ciranda. Fechando o ciclo de apresentações, o jongo propriamente dito.

O Mastro só é retirado no dia 20 de janeiro. Nesta data às 15h o grupo se dirige novamente à igreja São Benedito para fazer as suas retiradas. Após a louvação, a bandeira do Santo é guardada.

Na igreja o mastro é conduzido de volta à rua Teimoso, no Sernamby, de onde sairá somente na próxima festa de São Benedito.

O grupo é composto por 35 pessoas, com crianças jovens e adultos.

O JONGO NO BAIRRO SERNAMBY

Dilzete Nascimento Pereira, popularmente conhecida como "Nêga", responsável pelo Jongo de São Benedito, reúne os jongueiros em ocasiões especiais para as apresentações folclóricas. Nasceu em uma fazenda e viveu lá com seus pais como colonos. Veio para São Mateus, aos cinco anos de idade, a avô ficou na roça, mas todo o final de ano, no dia 27 de dezembro, ia para casa dela, se arrumava, e sai para o dançar jongo na porta da igreja e no outro dia ia para a roça. Quando o avô faleceu, ela tinha mais ou menos 10 anos, logo não assistiu muito o jongo com ele.

Trabalhavam na roça, sua mãe, Maria Isaura do Nascimento, também nasceu no quilômetro 35, entre São Mateus e Nova Venécia. Seu pai Manoel Nascimento, dizia que seu avô dançava jongo desde a idade de 5, 6 anos, na porta da igreja. Tem três filhas que também dançam jongo juntamente com seus netos.

Em sua fala traz a palavra “mesa” como “o pessoal espírita”, dizendo que o jongo vem através de uma mesa ou vem por um santo da igreja.

Entende-se que o ritual do jongo tem uma forte influência com o candomblé . O grupo é composto por 35 pessoas, com crianças jovens e adultos.

Os jongueiros sentem necessidade de uma sede própria para desenvolver as atividades do jongo.

Os instrumentos usados no grupo são antigos e o Sr Salvino só trocava o couro, que era de boi, preparado também por ele. Os tambores são feitos pelos jongueiros de forma artesanal. Usam tambores e reco-reco, feitos de madeira e uma caixa com linhas, o apito, o bastão.

Sr. Salvino veio do Sapê do Norte, que fica entre São Mateus e Conceição da Barra. A mãe de Salvino chamava-se Efigênia Pereira, “era mesária das boas” e morreu com 93 anos. Nêga mora com uma das filhas da Efigênia que tem 83 anos, chamada Edézia. Sr. Salvino, o grande mestre do jongo ,trabalhou de vaqueiro para a família Pimentel, mas ele não era escravo ,”o senhor tratou ele como gente”. Segundo populares, o Senhor Pimentel deixou terras e animais para Sr. Salvino, cerca de seis hectares de terras, que “dava até para fazer um quilombo e erguer uma igreja de São Benedito e fazer uma sala para o jongo lá na igreja, porque foi ali que seu Salvino morou e ele foi um mestre.”

Sr. Salvino desapareceu sem deixar vestígios. Nêga e a irmã dele passaram a tomar conta do grupo, ela já vinha acompanhando, mas com o sumiço do sogro passou a estar à frente do grupo de jongo do bairro Sernamby.

“Falam que ele era católico, mas a mãe dele era mesária e que acredita que ele aprendeu a bater tambor com ela porque tinha um tambor. “

Conforme relatos, Nêga , aprendeu o jongo apenas observando .”O Seu Júlio batia em frente da Igreja e Seu Salvino participava desse grupo, mas depois formou o seu próprio grupo. “

Atualmente podemos presenciar o Bispo Diocesano nas festividades de São Benedito dançando o jongo com eles e fazendo a Festa de São Benedito .

O grupo tem um compositor, chamado Miguel Barros, que faz os pontos. Mas ela explica que eles não chamam de pontos, chamam de música. Antes que fazia era o Seu Salvino e a Edézia Dona Efigênia, mãe de Seu Salvino nasceu no ano do fim do cativoiro. Mas a avó e a bisavó dele e da D. Edézia foram escravas.

Atualmente os jongs não se desafiam porque não tem outro grupo, mas que já houve. Eles cantam em verso, mas não é em forma de desafio e ainda afirma que o jongo foi a única manifestação que podia ser feita no tempo da escravidão por não ter arma. O desafio foi retirado do jongo para não ter briga.

Nêga é a liderança do grupo e isso lhe dá a função de direção, mas todo o grupo sabe desenvolver as técnicas e eles podem se apresentar sem a presença dela.

Para os jongueiros, o jongo é um momento de fé de força. E a comunidade jongueira se sente importante por ver o grupo saindo, se apresentando. Enquanto a Edézia ensina o jongo para as crianças.

Quando os desafios foram retirados, eles colocaram cantos mais longos. Passaram a usar a linguagem mais voltada para o português, deixando a língua de origem africana.

ALGUMAS MÚSICAS ENTOADAS PELOS JONGUEIROS

“Oh meu São Benedito

Por aqui vamos nós

Cantando alto

*Pois ninguém
Vai calar a nossa voz
Lá para a banda de Palmares
Um grito já ecoou
Luta pela liberdade
O povo negro começou*

“É um canto que mexe com a identidade povo negro. “

*“São Benedito ele é nosso Padroeiro
São Benedito, se festeja o ano inteiro
Vem cá devoto, venha cá me dá a mão
São Benedito, ele é a nossa salvação.”*

ALGUNS VERSOS DO JONGO

Louvando os animais

*“Pavão dourado
Bateu asa e avô*

*Sentô na laranjêra
O galho balanciô"!...
Ôia ia-ia a onça,
Olha a onça na areia,
Essa onça te pega,
Bota essa onça na péia"...*

MÚSICAS NA MEMÓRIA DOS NEGROS QUE MARCARAM ÉPOCA

*"Quando o vapô apito
Eu tava na estação
Cidade de São Mateus
E Barra e Conceição!"...*

*"Lá vem o navio
Apinhado de escravo
Vem da África trazendo
Esse povo maltratado."*

"Sinhô, não bate no preto

Tenha pena, tenha dó
Um dia esse preto liberta
E vai lhe fazê pió”

TOADA DE FUGA

Ô Luanda maçangana
Ô pretinho da Guiné
Ô de ponta de pé ô de carcanha
Ô de ponta de pé, ô de carcanhá

Na noite de lua grande
Na boca do coro fundo
No dia de Senhora de Sant’Ana
Quero ir embora desse mundo!...

O sinhô tá descansando
Debaixo do canaviá
É hora de passa o sebo

Nas canela no quintá
Amansa o sinhô, nhô-nhô
Amansa o sinhô iá –iá
Que ele já pego no sono
De tanto **pó de amansá.*”

O jongo de São Benedito, mesmo depois do desaparecimento de Sr Salvino Rodrigues permanece em atividade apesar na dor do desaparecimento do mestre. Com a apresentação da dança das fitas e dos arcos trouxe mais alegria para a população que gosta de apreciar o Jongo de São Benedito.

Através das lembranças de populares, Sr Salvino como costumam dizer, sempre destacava a importância do apoio de um “homem forte “ como o Sr João Nardoto, as senhoras da sociedade Dona Tedir Figueiredo , Dona Iolanda Rios e Dona Vitória Rios . Pessoas que não deixaram a cultura do Jongo morrer, apoiando a brincadeira conhecida como do povo escravo e negro.

JONGO MENINO JESUS DE PRAGA

Fundado em 1971, é sediado no Porto tendo no passado o mestre Pedro Geraldino. Deste segundo grupo participam homens, quase todos provenientes da comunidade Espírito Santo. Está sem fazer apresentações.

O jongo de Campo Grande, fica mais ou menos há mais ou menos 40 km da sede.

*pó de amansá “era o veneno extraído da cobra preguiçosa, socada e torrada e colocada aos poucos na cumida do sinhô”

CONTINUIDADE DA PESQUISA

Os tambores de São Benedito contagiam o povo ao passar pelas ruas da cidade. A festa de São Benedito marcada pela fincada do mastro traz visitantes e devotos de várias cidades e estados para comemorar em São Mateus –ES convidando a apreciar a beleza da cultura mateense. O reco-reco e a cuíca dão um toque especial, mais brilho e empolgação aos participantes incentivando a continuar e passar a brincadeira de geração em geração.

Ainda que esteja se perdendo com o tempo a originalidade do jongo e entrando na contemporaneidade, ele e seus pertences culturais dos antepassados continuarão marcando a trajetória de famílias que procuram manter a tradição, não esquecendo que toda a trajetória é fruto da luta e sobrevivência dos negros escravos.

Atualmente, manter-se na criação e incentivo das manifestações folclóricas não tem sido tão fácil! Requer dedicação, resgate de valores e sobretudo apoio dos governantes quanto aos registros da existência desses segmentos culturais.

Na oportunidade, sugiro que o trabalho de pesquisa empírica da história dos jongueiros do município de São Mateus-ES tenha continuidade, com os membros mais antigos dos grupos que ainda resistem através de gerações para que os registros desse patrimônio imaterial se perpetuem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

HERINÉA LIMA E ELIEZER NARDOTO - História de São Mateus -ES- São MateusES - EDAL -1999

MACIEL DE AGUIAR Salvino Rodrigues caderno 26 -O Jongo de São Benedito- Aymorés Gráfica e Editora Ltda 1996

Revista Eletrônica IPHAN

GUILHERME SANTOS NEVES - Coletânea de Estudos e Registros do Folclore Capixaba -volume 2 -1944 a 1992

file:///C:/Users/Eliane/Documents/jongo%20dossie_jongo1.pdf

Acessos em 13,14,17 de abril de 2014

http://www.historia.uff.br/jongos/acervo/adm/files/acervo_Ficha_de_Decupagem_01.0132.pdf

Acessos em 17, 18,19de abril de 2014

file:///C:/Users/Eliane/Documents/livro%20jongo%20pelos_caminhos_do_jongo.pdf

Acessos em 20 e 21 de abril de 2014.

ELIANE QUEIROZ AUER

Eliane Queiroz Auer nasceu em São Mateus, norte do Estado do Espírito Santo. Casada, duas filhas. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. Especialista na Educação. Ocupa a cadeira nº 5, da Academia Mateense de Letras- AMALETRAS, Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Espírito - Santense de Letras. Membro da ALB Seccional Suíça, Participações em antologias com diversas publicações em jornais e revistas nacionais e internacionais. Condecorada com a Comenda Rubem Braga com o Grau de Comendadora pelos inestimáveis serviços prestados à Cultura da Nação. Tem três livros de poesias publicados e livros de literatura infantil.